

**A fronteira e os domínios do Cerrado:  
literatura e história ambiental no conto “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”  
de Bernardo Élis**

Sandro Dutra e Silva<sup>1</sup>

Aurea Marchetti Bandeira<sup>2</sup>

Giovana Galvão Tavares<sup>3</sup>

## **Introdução**

O encontro entre a História e a Literatura não é recente. Um significativo número de pesquisas, situadas em diferentes áreas da historiografia, vem promovendo o diálogo desses saberes. Partimos dessa premissa, considerando que a nossa intenção nesse trabalho, não é justificar essa relação, tendo em vista que seria um esforço desnecessário e sem sentido. Portanto, visualizamos possibilidades no diálogo entre a literatura e a História Ambiental na representação das condições de vida na fronteira goiana no século XIX, aliada a uma percepção que considera os dramas humanos e sua relação com o ambiente natural.

Pádua (2012) afirma que o tema natureza sempre foi um tema central nas discussões culturais, sobretudo no ocidente. Para Barca (2012, p. 7) o “conceito de natureza e os termos que estão associados a ela são, em muitos sentidos, históricos. Os seus significados, e as próprias palavras, são historicamente construídos, ao mesmo tempo refletindo e constituindo a mudança social”. As paisagens naturais obedecem aos ciclos de mudanças e transformações que regem as leis da natureza, marcadas pelas temporalidades. A relação humana com essas paisagens, seus espaços, territórios, vegetação em suas diferentes temporalidades acabam

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB). Professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e no Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGELICA.

<sup>2</sup> Mestranda em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente no Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGELICA).

<sup>3</sup> Doutora em Ciências pela UNICAMP. Professora Titular no Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGELICA.

conferindo a natureza um sentido histórico. A História Ambiental, no entanto, situa-se um campo novo na historiografia, surgido nos Estados Unidos na década de 1970 e influenciado por discussões histórico-naturais que já vinham sendo realizadas desde o século XIX, mas que ganharam força nessa década em função de desafios ambientais que estimularam o seu desenvolvimento (PÁDUA, 2012).

Os apontamentos da História Ambiental buscam estabelecer uma nova narrativa para a relação entre os humanos e o meio natural. De acordo em Worster,

A história ambiental é, em resumo, parte de um esforço revisionista para tornar a disciplina da história muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Acima de tudo, a história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e "supernatural", de que as consequências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas (WORSTER, 1991: 199)

Worster (1991) procurou reforçar os pressupostos teóricos dessa relação no campo historiográfico, apontando para as interações múltiplas entre as sociedades humanas e o seu ambiente. A dimensão histórica da natureza, nessa abordagem, vai além do sentido espacial das ações humanas. As recomendações de Worster (1991) são de que a História Ambiental deveria se fundamentar em três níveis de análise do processo interacional entre cultura e natureza. O primeiro nível seria a relação entre os humanos e os ecossistemas, ou a natureza compreendida pelas suas características orgânicas e inorgânicas. Num segundo nível encontram-se as condições socioeconômicas e sua interação com a geografia. Já o terceiro nível aborda os processos interacionais mais propriamente culturais e do universo dos sentidos. Segundo Worster (1991), esse terceiro nível trata da interação mais propriamente intangível e humana, “puramente mental ou intelectual, no qual percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tomam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza” (WORSTER, 1991: 202)

Outro conceito que nos orienta, numa análise que se propõe da relação entre a literatura e meio ambiente, tempo como recorte o Cerrado do Planalto Central brasileiro, é o de “domínios da natureza” (AB’SABER 2003:9). Os domínios da natureza podem assumir o significado de paisagem, no entanto transcende as representações meramente paisagísticas que

caracterizam, geralmente, os biomas. Esse conceito pode ser compreendido como “uma herança em todo o sentido da palavra: é herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram, como território de suas comunidades” (AB’SABER 2003:9). O conceito de domínios da natureza, assim compreendido como território natural, mas também como espaço de interações e heranças culturais é compartilhado por Leff (2004), que descreve as formas de perceber o meio ambiente não apenas como território ecológico, observado pelo olhar disciplinar, muitas vezes fragmentado, mas também a percepção desse espaço por meio da natureza e da complexidade que envolve a apropriação dela pela sociedade, sobretudo pelas relações de poder inscritas em forma de conhecimento.

Os domínios do Cerrado podem ser descritos como paisagens típicas de campo, característico das savanas. Mas se apresentam também nos chapadões penetrados por florestas de galeria. Têm sua área núcleo localizado no centro do país e se manifesta em pequenos enclaves distribuídos nos domínios de Terras Baixas Florestadas da Amazônia, Mares de Morros Florestados e Planaltos das Araucárias. A importância da área do cerrado está centrada na sua extensão, estimada em dois milhões de km<sup>2</sup>, ou seja, 25% do território nacional e o bioma dominante no Brasil Central. As variações paleoclimáticas proporcionaram a expansão (período glacial) e retração (período interglacial) do domínio cerrado, ocorridas no decorrer do tempo geológico, e influenciaram a multiplicação ou o desaparecimento de espécies animais e vegetais e nos processos que modelaram o relevo terrestre até que ele adquirisse sua atual configuração. Daí ter-se enclave do domínio cerrado em outras macropaisagens (AB’SABER, 2003).

As características ecológicas e geográficas apresentadas remetem a expressiva dimensão territorial e riqueza desse bioma. Mas além das características marcantes do ambiente natural, a região dos domínios do cerrado brasileiro experimentaram diferentes processos de intervenção humana. Considerando diferentes temporalidades pré-históricas que marcaram a eco-história do Planalto Central (BERTRAN, 2011), procuramos nos concentrar nas temporalidades expansão da fronteira que adentrou o cerrado goiano a partir do século XVIII.

A literatura de fronteira, sobretudo nos Estados Unidos, esteve vinculada a construção da identidade e de um estilo de vida que se constituiu na relação do pioneiro (*frontiersman*), a

fronteira (*frontier*) e o cenário natural (*wilderness*) (TURNER, 2010; CRONON, 1996; NASH, 1982). Também no Brasil, país de dimensões continentais, a conquista territorial esteve ligada à visão encantada de prosperidade nas regiões de fronteira. Um grande território, com muitas áreas devolutas, ou ainda não dominadas pela civilização, norteou a busca por expedições que vislumbravam a fronteira com terra de grandes oportunidades.

Não apenas nas narrativas literárias, mas também nos discursos que tratavam do tema, a colonização era compreendida como o deslocamento para um eldorado. As representações de riqueza estiveram presente nos deslocamentos para a região das minas no Sudeste e Centro-Oeste no século XVIII como na expansão da cultura cafeeira e nas levas de imigrantes estrangeiros para zonas rurais desde o século XIX, ressurgindo nas migrações destinadas à extração da borracha no início do século XX, e em outros movimentos de frente de expansão, que identificavam na fronteira o imaginário da prosperidade.

O imaginário da prosperidade funcionou como uma força motivadora da ocupação nas diferentes etapas da ocupação, identificada por Ricardo (1959) como “manifesto bandeirante”, caracterizado como força motivadora dos deslocamentos para o sertão, em que os impedimentos e mitos inibidores eram substituídos por uma nova visão mitificada do território a ser desbravado.

Para Martins (1997), diferente do que o imaginário do eldorado buscava apresentar, a fronteira se caracterizava como o “território da morte e o lugar de renascimento e maquiagem dos arcaísmos mais desumanizadores” (MARTINS, 1997, p. 16). Para o autor, a verdadeira representação da fronteira, e o que realmente a definia, era a situação de conflito. O conflito tornava a fronteira como uma realidade singular, porque promovia o encontro dos que “por diferentes razões são diferentes entre si” (MARTINS, 1997, p. 150). A fronteira era o lugar de encontros e desencontros de temporalidades históricas, concepções de vida e visões de mundo distintas. Martins (1997) entendia, ainda, que o tempo da fronteira era período provisório, porque ela deixava de existir quando desapareciam os conflitos e a alteridade política era estabelecida.

A fronteira goiana foi marcada por diferentes etapas no seu processo histórico, descrito por McGreery (2006) como fronteira “queijo suíço”, em decorrência de espaço de ocupação e outros vazios territoriais. Campos (1985), estudando a evolução econômica de Goiás, enfatiza que a pecuária foi a atividade econômica responsável pela inserção da

economia goiana no cenário nacional no século XIX, logo após a crise da mineração no século XVIII. Não apenas isso, mas a agropecuária foi responsável ainda, pela abertura de novas frentes de expansão no território goiano, promovendo a ocupação geográfica. Em sua análise a pecuária tornou-se a principal atividade econômica para Goiás após a crise da mineração, pelas condições de produção que exigiram pequeno capital e pouca mão-de-obra, sendo o território abundante em terras despovoadas. Alguns fatores foram apontados como responsáveis pela consolidação da “fronteira-pecuária” em Goiás: A baixa densidade demográfica; a topografia favorável; abundância de terras e baixos capitais empregados na atividade; e a mobilidade da mercadoria. Esses fatores favoreceram o desenvolvimento desse tipo de fronteira nessa região distante do mercado consumidor, a despeito da falta de estradas e ferrovias, que eram dispensadas, tanto no transporte como na expansão da pecuária. A pecuária alargava as fronteiras de Goiás na medida em que essa atividade impulsionava a busca e conquista de novos territórios, o desbravamento de matas e cerrados para a criação de gado.

Essa visão é reforçada em Borges (2000) que entende que a “expansão das fazendas de gado foi responsável pela ocupação de grandes áreas de terra, especialmente nas áreas de cerrado” (BORGES, 2000: 107). Dessa forma vai se configurando, desde o fim do século XIX e início do século XX a ocupação do território goiano. A pecuária possibilita a entrada e conquista de novos espaços na expansão da fronteira. Esse tipo de ocupação é compreendido por Martins (1997) como sendo o “tempo da fronteira”.

O tempo da fronteira para Goiás pode então ser identificado em momentos específicos da sua história, sendo que o desbravamento geográfico do território goiano tem origem nas expedições bandeirantes desde o final do século XVI. No século XVIII tem-se um novo momento que experimenta a formação urbana nas zonas de mineração, entretanto com um curto período de duração. A ocupação do território, após esse período, é caracterizada pela expansão das fazendas de gado e das “roças” de subsistência e de economia mercantil.

## **A literatura de Bernardo Élis e as representações do Cerrado**

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado nasceu em 15 de novembro de 1915 e, segundo ele mesmo, nos “cafundós” e “nos ermos” do distante Goiás. Foi uma figura

notadamente marcante do modernismo em Goiás, consagrado por suas obras “Veranico de Janeiro” e “Caminhos e descaminhos”. Seu primeiro livro foi “Ermos e Gerais”, que, lançado em 1944, teve uma receptividade positiva dos críticos da época, colocando as narrativas da fronteira goiana no cenário ficcional brasileiro (ALMEIDA, 1985).

Suas obras trazem uma linguagem que mostra agilidade e concisão, embora Élis não abra mão dos detalhes, deixando vir à tona o real sentimento de suas personagens, mantendo a linha tênue que separa o real do imaginário. Os aspectos linguísticos são relevantes e, segundo Almeida (2005:46) “Os recursos de linguagem de que lança mão enquadram-no entre os autores que merecem acurado estudo, não apenas com o que se relaciona com o conteúdo, mas com o que diz respeito ao aspecto linguístico que suas obras apresentam”.

No que se refere a relação entre literatura e história ambiental podemos considerar que os escritos de Bernardo Élis descrevem o cotidiano, as sociabilidades, as vivências e os dramas do sertanejo nas fronteiras do Cerrado, Oeste do Brasil. Em sua obra “Ermos e Gerais”, relaciona o cenário de sua narrativa com as paisagens do Cerrado. O Cerrado é descrito como as “Gerais”, relacionando o cenário natural (*wilderness*), muitas vezes hostil, a um lugar desabitado, de terras devolutas, esquecidas por aqueles que aqui passaram nos tempos da mineração. “Gerais” também era a forma coloquial de se referir às paisagens típicas de campo-cerrado. Era uma expressão popular que ao mesmo tempo em que dizia respeito a uma paisagem, descrevia, ainda, a condição humana, seu isolamento, sua relação com o cenário típico dos campos do Planalto Central. Lugares ermos, distantes, humanos e as vezes desumanizadores, foram as “Gerais” de Bernardo Élis. A poetisa goiana Cora Coralina também se referia a essa paisagem como a da dureza dos morros lascados a machado, lenhados, lacerados, queimados pelo fogo, pastados, calcinados, mas renascidos (CORALINA, 2003).

As narrativas de Bernardo Élis trazem uma riqueza de personagens, que, a despeito de vivenciarem condições sociais diversas (coronéis, imigrantes, escravos, camponeses), de gênero, de poder e intelectualidade, frequentavam o mesmo ambiente natural que se impunha acima de todos. Murari (2009) comenta sobre as concepções positivistas da natureza, em que os humanos deveriam exercer domínio sobre para a satisfação dos propósitos humanos. Caso contrário, a natureza poderia exercer uma força despótica de dominação e subjugo. A fronteira hostil, nos domínios da *wilderness*, os indivíduos eram desumanizados pela força opressora da

natureza. Murari (2009) procurou evidenciar a relação de enfrentamento à natureza por meio dos estudos do realismo literário brasileiro e as narrativas de Bernardo Élis enquadram-se nessa perspectiva, na medida em que suas personagens dividem seus dilemas com o cenário natural nos domínios do Cerrado, caracterizado pelo despotismo na natureza. Suas personagens, não apresentavam disposição para sobrepor-se a esse despotismo, acabavam sucumbindo à força dominante da natureza. A natureza assumiu em suas narrativas um papel coadjuvante, o que tornava o enredo carregado de teor trágico, que tornava os dramas de suas personagens em dramas universais. Violência, espoliação, enfermidades, catástrofes, exploração, e outros dilemas da condição humana eram entendidos como a mão pesada dos ermos e gerais.

No conto “A enxada”, do livro “Veranico de Janeiro”, Bernardo Élis deixa em evidência a terra, o homem com suas desgraças e também suas crueldades, concomitantemente, ele desperta no leitor sensibilidade, acompanhando a saga de sofrimento imposta a “Piano”, personagem que busca freneticamente o instrumento que parece libertá-lo, ou seja, a enxada. Cenário de isolamento, distanciamento, que ajudaram a descrever a fronteira goiana como a “periferia da periferia” (McGREERY, 2006).

Bernardo Elis foi um escritor de grande relevância na literatura goiana, seus contos fazem uma relação com sua história de vida, marcada por aspectos do seu cotidiano vivido na pacata cidade de Corumbá de Goiás, cidade aurífera do século XVIII. Ficção e a realidade se misturam na caracterização da fronteira no Oeste do Brasil. Por ter vivido grande parte de sua vida nos “ermos” e nas “gerais” de Goiás, vivenciando a realidade histórica e social desses lugares, retratou em sua linguagem literária, a relação entre homem e natureza nas fronteiras do Cerrado. De acordo com Veloso (2011), o escritor não apenas narra, mas também expõe a sua subjetividade acerca do mundo social, que é, ao mesmo tempo, internalizado como realidade objetiva. Em suas palavras, “não há, portanto, um mundo dos fatos pairando acima do indivíduo. Essa relação unilateral e objetiva entre os termos não existe. Existe, sim, uma profunda dinâmica entre indivíduo e sociedade feita de interações, deslocamentos e modificações” (VELOSO, 2011, p.240). Nesse sentido que consideramos que a literatura pode ser percebida como uma fonte privilegiada da História, e em extensão da História Ambiental, na medida em que apresenta as representações da relação homem/natureza, destacando

paisagens e inter-relações numa narrativa que auxilia a busca de sentidos para a escrita e reflexão historiográfica.

## **Fronteira e natureza às margens do Corumbá**

O realismo literário brasileiro apresentou uma tradição de conflito entre a sociedade e a natureza, em que a exuberância das paisagens contrastava com a imagem da natureza cruel e agressiva. Paisagens desumanizadoras, apesar da beleza descrita, em que seres humanos estavam à mercê de “um território onde predominava a ordem da natureza” (MURARI, 2009: 123). O conto “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”, escrito por Bernardo Élis (2001) na década de 1940 serve como exemplo dessa relação em que as paisagens do Cerrado compõem o enredo. O texto narra a trajetória da família de imigrantes vindos de Minas Gerais para o Cerrado Goiano no século XIX (“no tempo da Guerra do Lopes”, entende-se Guerra do Paraguai) em busca de melhores oportunidades. Criaram fazenda de gado (fronteira pecuária) e se fixaram às margens do rio Corumbá, próximo a antigas áreas remanescentes da exploração aurífera de Corumbá e Meia Ponte (Pirenópolis). Bernardo Elis procurou retratar a dureza do sertão goiano nos anos em que ondas migratórias se deslocavam para a região do Planalto Central, apresentando um trágico enredo para a família Dos Anjos. O conto narra uma noite de destruição causada pela cheia repentina do rio e o extermínio dos últimos remanescentes, a velha matriarca (Nhola dos Anjos), seu filho (Quelemente) e neto (sem nome). Os “Dos Anjos” vieram para a fronteira em busca das oportunidades que as áreas devolutas no cerrado goiano ofereciam. No entanto, não contavam com o despotismo da natureza. O texto narra que a “maleita”, como os sertanejos costumavam denominar as doenças do mato, e outros agravos dizimaram grande parte dos membros da família e suas poucas economias. O gado foi dizimado pelas ervas daninhas do campo. E naquela noite fatídica, nas chuvas torrenciais de invernada, a natureza levava os remanescentes nas vazantes do rio Corumbá.

Entendemos que a força do texto de Bernardo Élis está na temática universal da luta pela sobrevivência e no sentido simbólico que o poder natureza assumia sobre aqueles sertanejos, por meio das potentes águas do Corumbá que levavam a casa e seus moradores em suas corredeiras. O autor descreve uma cena em que os três (Nhola, Quelemente e o menino)

vagueavam numa jangada improvisada, restos da casa derrubada. A velha matriarca, adoecida e entrevada, caiu no rio e ao tentar agarrar-se à embarcação, colocava em risco a vida de Quelemente e seu filho. Nessa dramatização a natureza aparece como coadjuvante: “As águas roncavam e cambalhotavam espumejantes na noite escura que cegava os olhos, varrida de um vento frio e simbilante. [...] águas escachoantes, rugindo, espumejando, refletindo cinicamente a treva do céu parado, do céu defunto, do céu entrevado, estuporado” (ELIS, 2001: 135). No desenrolar do enredo, vendo a ameaça da cachoeira se aproximava, Quelemente solta um chute de desespero em Nholá, lançando a mãe na escuridão das águas. Porém, ao perceber a violência moral do seu ato pula da jangada a procura da mãe que submergiu nas águas. O autor narra o desespero de Quelemente e a indiferença da natureza aos dramas humanos. A voz do filho gritando pela mãe era o sinal de que o rio reclamava mais uma vítima. Assim termina a narrativa do conto:

... Mãe! Lá se foi Quelemente gritando dentro da noite, até que a água lhe encheu a boca aberta, lhe tapou o nariz, lhe encheu os olhos arregalados, lhe entupiu os ouvidos abertos à voz da mãe que não respondia, e foi deixá-lo, empazinado, nalgum perau distante, abaixo da cachoeira (ELIS, 2001:136).

A narrativa de Elis (2001) descreve as representações do enfrentamento à natureza nos domínios do Cerrado. As experiências no território goiano para essa família de imigrantes de assolamento e destruição. Seu trabalho e seus esforços pouco significaram frente aos desafios da natureza hostil da narrativa realista. O gado foi exterminado pelas ervas, a maleita levou grande parte da família e agora o Corumbá cumpria a dramática tarefa de encerrar a história.

## **Considerações Finais**

Bernardo Élis foi um dos escritores que buscou representar o Cerrado e suas vivências por meio do realismo literário em que expunha a relação entre Homem e Natureza. Diferentes categorias de uso frequente na historiografia e em outros campos das humanidades podem auxiliar na construção de sentido da relação homem e natureza. Devastação, enfrentamentos, temporalidades, espaços, culturas, comportamentos, situações,

indicam esse fenômeno que se impõe em diferentes geografias e épocas. A narrativa “homem/natureza” em Bernardo Élis torna o seu enredo universal, na medida em que se propõe a descrever a experiência humana, que no caso acontece nos domínios do Cerrado, mas que poderiam ter como cenário diferentes paisagens. A fronteira, por sua vez, compõe a reflexão acerca do ambiente e sociedade, em sua dinâmica de deslocamento numa temporalidade específica que nos permite relacionar com os pressupostos de análise da historiografia ambiental.

As temporalidades do Cerrado são marcadas por dois grandes eventos, período chuvoso e seco. E assim o ciclo de alterações, mudanças e transformações caminham: ora tempo de chuva, ora tempo de estiagem, ou como os moradores do Planalto costumam chamar de inverno (chuvoso) e verão (estiagem). As marcas dessa temporalidade são percebidas na vegetação, no solo, no ar, no firmamento. Em determinado momento ocorre o tempo das flores e as folhagens das árvores não aparecem e muitas vezes o fogo devasta campos e matas. Em outro tempo as folhagens se vestem de um verde intenso, lavadas pelas águas da invernada. Ora os redemoinhos de vento arrastam as folhas secas e o pó da terra na aridez dos meses de agosto e setembro. As mudanças na paisagem seguem o ritmo cíclico da natureza e de suas temporalidades. Mas esse processo de mudança não marca apenas as paisagens naturais. Elas demarcam culturas, gestos, ritmos cotidianos de sociabilidades, labores e devoções nas representações do homem no Cerrado. Homem e natureza no diálogo da vida, se misturam às temporalidades, espaços, paisagens, culturas, bens materiais e simbólicos, dentre outras.

## Referências

- AB’SABER, A. Nacib. **Os Domínios da Natureza no Brasil**: potencialidades paisagistas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no Planalto Central**: eco-história do Distrito Federal. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.
- CAMPOS, Francisco Itami. **Questão Agrária**: bases sociais da política goiana (1930-1964). 1985. Tese de Doutorado (Doutorado apresentado no Departamento de Ciências Sociais). USP, São Paulo, 1985.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2003.
- CRONON, William. **Uncommon Ground: rethinking the human place in nature**. New York/London: W.W. Norton & Company: 1995
- ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais**. São Paulo: Martins Fonte, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Veranico de janeiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*. In: MORICONI, Italo. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MARTINS, Jose de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997
- McGREERY, David. **Frontier Goiás, 1822-1889**. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 2006
- MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2009.
- NASH, R.Frazier. **Wilderness and the American mind**. New York: Yale University Press, New Haven and London, 1982.
- PADUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. In: FRANCO, J.L.A.; SILVA, S. D.; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. **História Ambiental: fronteira, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- RICARDO, Cassiano. **Marcha para Oeste: a influencia da bandeira na formação social e política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1959.
- TURNER, F. J. **The frontier in American history**. Minneola, New York: Dover Publications, Inc.: 2010
- VELLOSO, Mônica. **A literatura como espelho da nação**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1988, vol. I, n. 2, p. 239-263.
- WORSTER, Donald. **Para fazer historia ambiental**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 198-215